

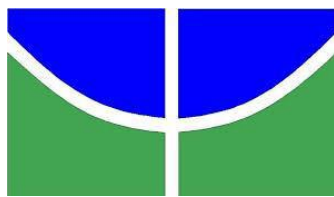
**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**ANA AMÉLIA ALVES SERPA**

**UMA SIMPLES ÁGUA-MORNA: A CENTRALIDADE DE  
D. EVARISTA NO CONTO O ALIENISTA DE MACHADO DE ASSIS**

**Brasília**

**2017**



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ANA AMÉLIA ALVES SERPA

**UMA SIMPLES ÁGUA-MORNA: A CENTRALIDADE DE  
D. EVARISTA NO CONTO *O ALIENISTA* DE MACHADO DE ASSIS**

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como um dos pré-requisitos necessários para a obtenção do título de licenciatura em História, sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Balaban.

Brasília

2017

ANA AMÉLIA ALVES SERPA

**UMA SIMPLES ÁGUA-MORNA: A CENTRALIDADE DE  
D. EVARISTA NO CONTO *O ALIENISTA* DE MACHADO DE ASSIS**

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como um dos pré-requisitos necessários para a obtenção do título de licenciatura em História.

Brasília, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Marcelo Balaban (Orientador)

---

Profa. Dra. Neuma Brilhante Rodrigues (Membro Interno)

---

Prof. Dr. Daniel Faria (Membro Interno)

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos os meus amigos e familiares que me apoiaram até aqui, não conseguirei citar todos pelo espaço e memória falha, mas sou grata a Deus por ter me presenteado com pessoas ao qual eu sinto muito orgulho e gratidão. Começo agradecendo aos meus irmãos por terem sido a minha motivação para as conquistas até aqui realizadas. Obrigada Valéria, Marcos, Marcela, Vitor, Eduardo e João Pedro, foi por causa de vocês que eu sempre tentei ser uma pessoa melhor.

Sou grata a minha mãe que mesmo analfabeta e Dona de Casa, ensinou que independente das dificuldades sonhar nunca é demais. Mãe, foi por sua fé que eu aprendi a ter resiliência e a não desistir nos primeiros obstáculos e dificuldades. Obrigada Dona Júnia pela paciência, pelos bons exemplos, pelo cuidado, pelo carinho e por sempre me ensinar a ser uma boa pessoa.

Agradeço aos meus tios, Agmária e Reizinho que me acolheram aqui em Brasília tornando-se a minha segunda família. Obrigada pelos incentivos nos estudos, pela estrutura familiar que me proporcionaram, pelos cuidados, pela compreensão e pelo carinho. Agradeço também aos meus primos irmãos, Lucas, Flávia, Vitória, e em especial ao Renato e João Vitor pelas diversas vezes que me buscaram no metrô no início da minha graduação.

Agradeço aos meus amigos Daniel, Stefane, Fernanda, João Paulo, Ramon e ao Jeferson pelo incentivo e carinho. Em especial a Nath e ao Pedro, pois foram às pessoas que mais se preocuparam comigo nesse semestre de monografia, me enchendo de positividade e alegria, acreditando por mim que eu seria capaz. Agradeço também as pessoas que a UnB me proporcionou conhecer, ao John que me ajudou muito no início da graduação, ao Luan pela amizade e alegria, e um agradecimento especial a Tais Alves pela companhia nesses 4 anos compartilhando as mesmas angústias e felicidades e por todo o apoio.

Não posso deixar de agradecer aos meus chefes e aos meus amigos do IBGE, vocês foram importantes nessa jornada, me ajudando a conciliar trabalho e faculdade. Agradeço também a todos os meus professores da graduação, por toda a dedicação e pela arte do saber compartilhar conhecimento. Sou muito grata, também, ao meu orientador Marcelo Balaban, do departamento de história, por toda a paciência, puxões de orelhas e prestatividade nessa fase da graduação que é o TCC.

## RESUMO

Essa Monografia tem por objetivo analisar a personagem D. Evarista observando por meio dela os seus diálogos que o autor faz com algumas instituições, como a ciência e o jornal ao qual está publicando o conto *A Estação* do século XIX, em especial no que diz respeito ao comportamento feminino. A personagem foi criada no conto *O Alienista*, de Machado de Assis, publicado pela primeira vez no jornal *A Estação*, entre 15 de outubro de 1881 e 31 de março de 1882. Machado por meio da personagem dialoga com as leitoras desse jornal ao contrariar todas as expectativas ali colocadas em relação ao comportamento, maternidade e elegância. Machado também dialoga com as construções médicas em torno do corpo feminino, que tinha por objetivo a maternidade. Portanto, é uma personagem que permite acessar ideias em torno do comportamento feminino em construção no Rio de Janeiro, no século XIX.

## ABSTRACT

This monograph aims to analyze a character D. Evarista observing through his own directors, which is an independent body, such as science and the newspaper to which he is in charge. A *Estação* of the XIX century, especially in regard to female behavior. A character not created in the story *O Alienista*, by Machado de Assis, first published without newspaper *A Estação*, between October 15, 1881 and March 31, 1882. Machado through the character dialogues as readers of the newspaper to counter all expectations regarding behavior, maternity and elegance. Machado also dialogues with the medical constructions around the female body, which aimed at motherhood. Please, it's a character that allows you to access ideas about female behavior under construction in Rio de Janeiro in the XIX century.

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO.....   | 8  |
| 1º CAPÍTULO: O Alienista e Sua Interpretação Através da Personagem D. Evarista..... | 11 |
| 2º CAPÍTULO: As Leitoras da Estação.....  | 21 |
| 3º CAPÍTULO: Dona Evarista.....   | 31 |
| CONCLUSÃO .....   | 41 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....  | 43 |
| DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE.....  | 45 |

## INTRODUÇÃO

*O Alienista* foi escrito em 1881, por Machado de Assis, e primeiramente foi publicado em um jornal de moda feminina e depois na coletânea *Papéis Avulsos*, em 1882. Entre o ano de sua publicação até a atualidade, o conto foi objeto de diversas análises literárias, psicológicas, sociais e historiográficas. Toda essa repercussão e sucesso do conto se dá devido aos temas nele trabalhados que são de ampla extensão social: conceito social de loucura, função social do hospício, intervenção médica na sociedade, comportamentos humanos, política e poder.

Essas características do conto estão presentes no estilo literário de Machado de Assis, que se destaca por suas sutilezas e observação dos costumes sociais e da natureza humana, que se resume em realismo. O realismo de Machado é complexo, não é um realismo fácil de entender, pois ele se encontra nas entrelinhas de suas obras. É um realismo que está oculto de nós leitores, e “encaixam-se num quadro realista extraordinariamente multifacetado, no qual a vida psicológica, sexual, familiar, social, religiosa, política e ideológica do período nos é apresentada como um todo interligado”.<sup>1</sup>

Para entender as obras de Machado de Assis, também é necessário entender um pouco sobre história do Brasil. Machado transmite aos seus leitores uma visão própria sobre os acontecimentos e transformações que foram vivenciados no século XIX. Em suas obras, Machado sempre traz acontecimentos públicos, e muitas vezes traça um paralelo entre esses acontecimentos e a vida privada das pessoas. *O Alienista* transmite bem essa preocupação de Machado, uma vez que retrata o quanto a construção de um hospício afeta a vida dos moradores da cidade fictícia chamada Itaguaí.

As principais referências historiográficas sobre a obra machadiana nessa monografia são John Gledson, Sidney Chalhoub. De formas distintas, eles operam com a ideia de ser Machado de Assis uma espécie de “historiador” do seu próprio tempo. Chalhoub em seu livro “*Machado de Assis Historiador*” encontra e analisa nas obras de Machado características que marcaram a construção da história do Brasil no século XIX, entre elas o paternalismo, escravidão e cidadania, ciência, ideologia, política e opinião pública.

---

<sup>1</sup> GLEDSON, John. *Machado de Assis: Ficção e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 15.



Já John Gledson em suas duas principais obras, *Machado de Assis: Ficção e Historia* (1986) e a obra *Por um Novo Machado de Assis*, estuda as esferas políticas, históricas e sociais presentes nas obras Machadianas. Gledson trabalha com os pensamentos de Machado sobre a história brasileira, com ênfase na nação brasileira e sua identidade nacional, transformações e costumes.

Considerando a complexidade que é trabalhar com as obras de Machado de Assis e o seu realismo presente nas entrelinhas de suas obras, a proposta aqui é analisar a personagem D. Evarista, do conto *O Alienista*. Procuo entender a construção da personagem feminina em um conto que gira em torno da ideia social de loucura e a intervenção médica nas cidades, tema apropriado aos doutores do tempo mas que, no entanto, o conto foi primeiramente publicado em um jornal de moda feminina *A Estação*.

Portanto, a opção de Machado de Assis de publicar esse que se tornou um de seus mais conhecidos contos em uma revista voltada ao público feminino é tomada aqui como um problema histórico. Nesse sentido, a personagem D. Evarista se destaca como um dos elementos centrais do texto, publicado em “capítulos” ao longo de 11 edições, entre 15 de outubro de 1881 e 31 de março de 1882.

Em um primeiro momento, construímos o argumento de que D. Evarista é uma personagem central em *O Alienista*. Em razão da infertilidade da personagem que o Dr. Bacamarte se aprofunda nos estudos para curar suas frustrações por não ser pai, chegando assim a descobrir a psiquiatria. Com isso ele percebe a situação da cidade, onde os loucos eram tratados de qualquer forma e propõe a construção da Casa Verde, e assim conduz os acontecimentos do conto.

*O Alienista*, assim como as demais obras de Machado, também dialoga com o meio de comunicação ao qual foi publicado. Partindo desse principio, faz se necessário analisar *A Estação*, jornal de moda feminina e para a família, e como o jornal contribuiu para a construção dos personagens e acontecimentos do conto. Com isso, é preciso saber quais os assuntos que eram tratados em suas páginas e como o jornal influenciava as construções em torno das condutas femininas.

Com essa análise, procuramos entender quais os diálogos que Machado faz entre a personagem D. Evarista e as ideias contidas no jornal *A Estação*, referentes a moda, comportamento, maternidade e ciência. Como Machado dialoga com suas leitoras em relação às mudanças sociais que envolviam as mulheres, seu corpo e seus comportamentos através da personagem D. Evarista.

Os dois principais teóricos que tratam da personagem D. Evarista na obra *O Alienista*, é o Ivan Teixeira e a Daniela Silveira. Ivan Teixeira, em sua obra *O Altar e o Trono*, teoriza a personagem como um espelho daquilo que as mulheres não deveria ser. Porém, a perspectiva mais utilizada para analisar a personagem, nos capítulos dessa monografia, segue os parâmetros teóricos presentes na obra *Fabrica de Contos* de Daniela Silveira, que mostra a personagem como ativa na história. Segundo Silveira, a personagem é criada para discutir o papel da mulher na sociedade e questionar instituições como a medicina e o jornal ao qual foi publicado, *A Estação*.

Com isso, construiremos o argumento de que, por meio da personagem D. Evarista, Machado dialoga com essas instituições que buscavam moldar o comportamento feminino. *O Alienista*, além de trabalhar questões referentes à loucura e autoridade médica, também trabalha gênero e, para isso, Machado elabora uma personagem que nos faz refletir sobre o papel biológico e social feminino no século XIX.

## 1º CAPÍTULO: O ALIENISTA E SUA INTERPRETAÇÃO ATRAVÉS DA PERSONAGEM D. EVARISTA

### 1.1 D. Evarista: Uma Personagem Central

Início esse capítulo já pelo título, o qual faz referência ao argumento central dessa monografia que analisa a personagem D. Evarista do conto *O Alienista* de Machado de Assis. Além de tentar mostrar a centralidade da personagem no conto, busco também evidenciar que a personagem está em diálogo com o jornal no qual foi publicado o conto: *A Estação*, e outras instituições do século XIX, como a ciência e a medicina.

Não procuro com essa análise desqualificar as inúmeras interpretações que temos sobre *O Alienista*. Pelo contrário, reconheço a complexidade do conto e as diversas interpretações que dele é possível obter. Mas acredito que Machado de Assis, através de *O Alienista*, também discute o papel da mulher na sociedade. Ao buscar dialogar com o restante do conteúdo do jornal, ele também está debatendo com as discussões em torno desse papel da mulher, seu comportamento e, principalmente, o discurso científico e de autoridade médica voltando para definir o lugar social e o comportamento feminino que estava em construção no período.

D. Evarista é utilizada como ponto de partida para que Machado introduza a temática do conto. A personagem se torna um tema central principalmente no primeiro capítulo, quando é referenciada diversas vezes para justificar os acontecimentos que sucedem os capítulos posteriores. Na citação abaixo, Dr. Bacamarte justifica a escolha dela como esposa.

Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas, — únicas dignas da preocupação de um sábio, D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte.<sup>2</sup>

A personagem D. Evarista foi escolhida para ser a esposa do Dr. Bacamarte devido suas condições fisiológicas e anatômicas, capazes de proporcionar filhos

---

<sup>2</sup> ASSIS, Machado. “O Alienista”. *A Estação*. Rio de Janeiro, nº 19, p. 9. 15 de outubro de 1881.

robustos e inteligentes. A ideia utilizada pelo autor para justificar a escolha de D. Evarista seguia uma lógica científica de que a mulher tinha como principal função a maternidade, portanto, para o médico, uma pessoa sábia se preocuparia com essas características acima da beleza e simpatia.

A beleza feminina excessiva, aliás, era vista como elemento potencialmente perigoso, pois teria a possibilidade de escravizar os homens, embevecidos por suas qualidades físicas<sup>3</sup>. Dr. Bacamarte, como médico e cientista, encontra alguém para casar dentro da lógica da ciência, da mulher como reprodutora, e agradece pelas suas más feições, pois, assim, sua preocupação e atenção não se desviariam dos seus estudos sobre a ciência.

D. Evarista, no entanto, apesar de ser escolhida pelos seus atributos biológicos, indícios irreprocháveis da maternidade sadia, não consegue ter filhos, mesmo com todos os estudos e técnicas testadas pelo médico. Ela foi o primeiro objeto de estudo de Dr. Bacamarte, e também é sua primeira decepção como cientista, o que traz o questionamento sobre a exatidão da ciência e a confiança a ela dada.

Mas a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas; o nosso médico mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina. Foi então que um dos recantos desta lhe chamou especialmente a atenção, — o recanto psíquico, o exame de patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada.<sup>4</sup>

Como mostra a citação acima, foi através dessa decepção com a infertilidade de D. Evarista que o médico, Dr. Bacamarte, mergulhou nos estudos e descobriu a psiquiatria, uma área nova e pouco estudada “no Brasil colônia”, tempo em que se passa o conto. Com isso, fica entendido que a personagem é o ponto de partida para que a história tomasse os rumos que levaram à construção da Casa Verde.

Portanto, entender *O Alienista* é também entender a personagem D. Evarista, pois ela é um tema central por ser uma personagem feminina em um conto que fala sobre ciência que foi publicado em um jornal de moda feminino. Através dessa personagem o autor levanta questões e traz dúvidas para o seu público leitor, já que ela foge ao ideal de mulher descrito pela ciência que tinha como finalidade a maternidade.

---

<sup>3</sup> Um exemplo ótimo dos riscos da excessiva beleza feminina está em *Diva*, de José de Alencar. O tema, contudo, aparece recorrentemente em romances oitocentistas, incluindo algumas obras de Machado de Assis, como *Dom Casmurro*.

<sup>4</sup> ASSIS, Machado. “O Alienista”. *A Estação*. Rio de Janeiro, nº 19, p. 9. 15 de outubro de 1881.

Também foge ao tipo de mulher descrito pelo jornal, que era aquela vaidosamente sensata; porém, esse assunto ficará para o segundo capítulo.

Apesar de até aqui ter apresentado a minha problemática para o capítulo, continuarei fazendo um breve resumo do conto e uma análise da narrativa. Em seguida, mostrarei quais são as outras interpretações feitas de *O Alienista* e por que eu considero D. Evarista a personagem central do texto.

## 1.2 O Alienista

Machado de Assis publicou *O Alienista* entre o dia 15 de outubro de 1881 e 15 de março de 1882, no jornal *A Estação*, jornal de moda feminino, em forma de novela. O conto foi publicado também na coletânea *Papéis Avulsos*, em 1882, após o fim da publicação do conto na *Estação*. Essa coletânea é composta por 12 contos, sendo iniciado pelo *O Alienista*. Nela, Machado engloba seus contos que debatem questões científicas e filosóficas do século XIX<sup>5</sup>.

*O Alienista* é composto por 13 capítulos. Quando Machado o publicou pela primeira vez, chegou a liberar até dois capítulos em uma única edição, e o último capítulo ele dividiu em duas edições do jornal. Essa divisão feita por Machado na forma de publicar o conto e os seus cortes propositais na narrativa, visam criar suspense e reflexão.

A exemplo desse suspense temos o capítulo 4, onde Dr. Bacamarte apresenta sua teoria nova que diz o seguinte:

Suponho o espírito humano uma vasta concha, o meu fim, Sr. Soares, é ver se posso extrair a pérola, que é a razão; por outros termos, demarquemos definitivamente os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia.<sup>6</sup>

Machado nesse capítulo, publicado no dia 15 de novembro de 1881, explica a sua nova teoria a Crispim Soares, o “Boticário”. Ele conclui que tudo que não for racional pode ser considerado loucura, porém termina o capítulo com a seguinte frase “Itaguaí e o universo ficavam à beira de uma revolução”<sup>7</sup>. Com isso os leitores do jornal ficavam apreensivos para saber como seguiria as internações do médico e quais

<sup>5</sup> Para escrever os contos dessa coletânea, Machado explorou o arcabouço que estruturava a fala dos principais homens envolvidos em pensar o futuro do país naquele momento (Silveira, 2010, p. 32).

<sup>6</sup> ASSIS, Machado. “O Alienista”. *A Estação*. Rio de Janeiro, nº 21, p. 9. 15 de novembro de 1881.

<sup>7</sup> Idem.

os acontecimentos seguintes do conto, causando um suspense que só seria revelado quinze dias depois na próxima publicação do jornal.

O conto possui um narrador onisciente, que narra na terceira pessoa, mas que também participa dando suas opiniões durante a história, buscando ponderar alguns acontecimentos e dar veracidade a outros. O narrador deixa claro que tudo aconteceu em uma cidade chamada Itaguaí, cidade fictícia com poucos habitantes e comandada por uma câmara de deputados.

Outra característica que chama atenção no conto é a elasticidade do tempo narrado. Fica entendido que os acontecimentos são do passado, de um Brasil ainda colônia, mas a narrativa e a construção dos personagens trabalham com temas presentes, de 1881, pois dialoga com o jornal em que foi publicado. Essa característica do conto se destaca devido ao realismo presente nas obras de Machado, que se sobressai na observação da natureza e costumes humanos do período de escrita<sup>8</sup>, englobando a suas obras.

O conto apresenta um viés realista quando o narrador tenta apresentar a história como acontecimentos que foram retirados de crônicas e também baseadas em cronistas da região. Em algumas partes do texto, o narrador fala que não pode continuar determinados assuntos, pois não existem crônicas que os comprovem. Em outras passagens ele dialoga com as leitoras, trazendo dúvidas sobre o que determinada fala queria dizer, trazendo suas opiniões, mas ressaltando que não tem como saber a veracidade.

Esse distanciamento do narrador em relação à veracidade dos acontecimentos é uma característica de Machado de Assis. Gledson trata essa questão como corriqueira nas suas análises das obras Machadiana, um distanciamento irônico, no qual a complexidade real do assunto é tratada<sup>9</sup>. Com isso fica claro que Machado traz paradoxos em suas obras, cuja intenção não é resolvê-los e sim deixar para o público certas questões semeando dúvidas e reflexões.

Também é importante destacar no conto as ironias e sutilezas de Machado de Assis. O autor deixa lacunas no texto que só os leitores do meio de comunicação no qual o conto foi publicado é capaz de entender. A leitura do jornal se torna extremamente necessária para uma leitura mais crítica de *O Alienista*, que, de início,

---

<sup>8</sup>GLEDSON, John. *Machado de Assis: Ficção e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

<sup>9</sup>GLEDSON, John. *Por um Novo Machado de Assis: Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 43.

traz várias interpretações que ficam presas no campo da hermenêutica, assim como diversos contos de Machado. Porém, quando lido junto ao jornal, a construção dos personagens e o enredo ficam mais claros, assim como os seus diálogos, por isso a importância de voltar ao jornal para entender o conto.

Continuarei essa análise trazendo um pequeno resumo do conto, para que eu possa falar mais sobre algumas interpretações do mesmo em relação à sua temática e enredo.

O conto gira em torno da construção de uma Casa de Orates no Brasil, a Casa Verde, onde seriam colocados todos os loucos da cidade. A ideia de construção da Casa Verde parte do Dr. Bacamarte, um médico muito respeitado fora do Brasil que resolveu voltar para sua cidade de origem, Itaguaí. Lá chegando, ele se casa com D. Evarista, viúva que não era nem bonita e nem simpática, mas que apresentava ótimos atributos para a maternidade e por isso foi escolhida pelo médico.

D. Evarista, no entanto, não engravida, e essa sua infertilidade causa mágoas no médico. Ele mergulha nos estudos, e assim descobre a psiquiatria, logo considerada por ele a mais nobre das ciências. Dessa experiência nasce a ideia da construção da Casa Verde, pois ele nota que no Brasil não havia nenhum especialista no assunto e nenhum lugar para tratar os loucos, os quais eram largados de qualquer maneira pela cidade ou nos porões.

A ideia de construir um lugar onde todos os loucos seriam reunidos surtiu muitas críticas e desconfianças, inclusive pela própria esposa do médico que, incentivada pelo padre Lopes, questionou a ideia. Apesar das críticas, o projeto foi autorizado pela Câmara da cidade, que viu nele uma oportunidade de lucrar, cobrando mais imposto da população. Com a construção da Casa Verde, Dr. Bacamarte passou a ficar mais ocupado com os estudos em torno das doenças psíquicas, e D. Evarista passou a se sentir muito solitária com a ausência do médico, que não lhe dirigia nenhuma palavra.

D. Evarista, mergulhada na tristeza e solidão, resolveu questionar o marido, dizendo que se sentia tão viúva quanto antes. Foi diante dessa contestação que o médico lhe propôs uma viagem para o Rio de Janeiro, a qual foi aceita. O médico, porém, continuou em Itaguaí e durante o tempo que sua esposa ficou fora, aprofundou-se ainda mais em seus estudos. Então, chegou à seguinte conclusão, como mostra a citação abaixo, que a loucura abrangia um campo muito maior.

Suponho o espírito humano uma vasta concha, o meu fim, Sr. Soares, é ver se posso extrair a pérola, que é a razão; por outros termos, demarquemos definitivamente os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia.<sup>10</sup>

Ao ampliar o campo da loucura, quatro dias depois o Dr. Bacamarte passa a internar pessoas até então consideradas sadias na Casa Verde. Dona Evarista ao voltar do Rio de Janeiro é recebida com muito entusiasmo, por ser considerada a esperança da cidade contra as internações na Casa Verde e contra Dr. Bacamarte. Ela recebe a notícia através do padre Lopes das internações, desconfia que as pessoas internadas não sejam totalmente loucas, mas diz acreditar na sabedoria do marido.

As internações desenfreadas na Casa Verde geraram revoltas na população, que começou a associar a Casa Verde a um cárcere privado. A ideia ganhou força e foi levada à câmara uma representação, assinada por 30 pessoas, que pediam o fechamento da Casa Verde. O pedido de fechamento não foi aceito e, sob o comando do Barbeiro, a revolta popular cresceu de 30 para 300 pessoas decididas a lutar pelo fechamento da Casa Verde.

A revolta pelo fim da Casa Verde ganhou o nome de Revolta dos Canjicas. Houve um confronto que envolveu até as tropas da cidade, mas que resultou na tomada do poder e o controle da câmara pelo Barbeiro. Com o poder em suas mãos, o Barbeiro chamou o Dr. Bacamarte para uma conversa, pois já era certo a derrubada da Casa Verde. Porém, o Barbeiro chegou à conclusão que apesar de existir pessoas ali em seu perfeito juízo, muitos foram internados em nome da ciência, considerando a Casa Verde uma instituição pública, não cabendo a ele dissolvê-la.

Essa conclusão deixou o Dr. Bacamarte pasmo, pois não esperava essa reação depois de 11 mortos e 24 feridos na Revolta dos Canjicas, enxergando ali um caso de loucura, e sendo o Barbeiro o próximo a ser internado na Casa Verde. Com a internação do Barbeiro, Dr. Bacamarte instituiu de volta a ordem na cidade e na câmara. O médico passou a ser a pessoa mais influente daquela cidade, só ficando abaixo do rei. O medo da Casa Verde continua na cidade, onde quase toda a população já foi internada, aumentando a insegurança, principalmente, quando o alienista interna a própria esposa, D. Evarista.

---

<sup>10</sup> ASSIS, Machado. "O Alienista". *A Estação*. Rio de Janeiro, nº 21, p. 9. 15 de novembro de 1881.



O médico conclui que a modéstia com que D. Evarista vivia em ambos os casamentos não condiziam com as coisas luxuosas que ela trouxe do Rio de Janeiro, como os furos de sedas, veludos, rendas e pedras preciosas. D. Evarista só falava sobre esses objetos e moda, passava horas experimentando suas joias e vestidos. Após acordar em uma noite e ver sua esposa experimentando um colar que estava em dúvida para a festa do dia seguinte, Dr. Bacamarte não teve dúvidas de sua demência e resolveu interna-la imediatamente na casa verde.

O narrador conclui que o que mais assustou e causou assombro na cidade foi à notícia de que o alienista soltaria todos os internados na Casa Verde de uma só vez. A alegria dos parentes e amigos dos reclusos, porém, foi maior. Celebrou o acontecimento com jantares, danças, luminárias e música. O narrador conclui que descrever as festas não interessava, mas que foram tocantes e prolongadas.

D. Evarista também deixa a Casa verde, e só não separou do Dr. Bacamarte por causa da dor em perder a sua companhia, superando o orgulho e vivendo mais feliz em seu casamento, segundo o narrador. Já em relação à Casa Verde, Dr. Bacamarte mantém alguns casos, mas, ao liberá-los, ele conclui que “as mentes organizadas que ele tinha acabado de curar eram tão desequilibradas quanto os outros”<sup>11</sup>. Depois dessa conclusão, Dr. Bacamarte volta a análise para si próprio, desconfiando ele mesmo de suas atitudes e se tornando seu objeto de estudo, resolvendo se internar na Casa Verde, falecendo dezessete meses depois, sem nenhum resultado.

### 1.3 O Alienista e suas interpretações

*O Alienista* é um conto que nos permite várias leituras. Devido às características de seu autor, como muitos outros romancistas do século XIX, Machado de Assis desejava retratar a natureza e o desenvolvimento da sociedade em que vivia<sup>12</sup>. Portanto, é essencial nas leituras e interpretação de qualquer obra Machadiana o conhecimento sobre a história do Brasil e, principalmente, uma análise do contexto que o conto foi publicado para melhor avaliação e interpretação, pois, acima de tudo, os seus textos ajudam a entender a realidade social de seu tempo.

As análises do conto que levam em consideração uma crítica à ciência e à psiquiatria, além das autoridades médicas do século XIX, ainda são maioria<sup>13</sup>. No

<sup>11</sup> ASSIS, Machado. “O Alienista”. *A Estação*. Rio de Janeiro, nº 4, p. 9. 15 de março de 1882.

<sup>12</sup> GLEDSON, John. *Por um Novo Machado de Assis: Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

<sup>13</sup> TEIXEIRA, Ivan. *O Altar e o Trono: Dinâmica do poder em O Alienista*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. p. 19.

entanto, análises vêm crescendo nos últimos anos em torno da ideia de poder e disputas políticas, além da linha que trata a Revolta dos Canjicas, relatada no conto, como um diálogo com a Revolução Francesa, feita por Machado em conotação à Queda da Bastilha<sup>14</sup>. Porém, em ambos os casos, é importante uma análise em conjunto com o local aonde foi publicado o conto, o jornal *A Estação*.

Em relação às análises sociais do conto, que o relaciona com a loucura e o trata como um relato histórico do início da psiquiatria e da construção de hospícios no Brasil, Jose Leme Lopes, em seu livro *A psiquiatria de Machado de Assis*, questiona quais as informações psiquiátricas Machado dispunha para construir um conto tão bem elaborado em relação à classificação das doenças e as terminologias médicas. Para isso, ele analisa a biblioteca do autor, mas não encontra livros de psiquiatria, concluindo, portanto, que Machado utilizou-se de relatórios médicos.

Essa conclusão de Lopes, porém, é questionada quando se analisa o autor dentro do contexto social do seu período. Machado publicava em vários jornais e estava informado das principais questões da época. O século XIX não foi só o século de ascensão da psiquiatria como da medicina no geral, havendo folhetins médicos publicados em jornais e amplas discussões públicas em torno da loucura, que não estavam presentes somente nos encontros médicos e nos congressos, mas também estavam presentes nos jornais de grande circulação do período<sup>15</sup>.

John Gledson, no livro *Por um novo Machado de Assis*, fala da dificuldade que o conto nos apresenta em termos de interpretação. Para o autor, o tempo histórico em que se situa o conto é muito mais elástico do que podemos imaginar, pois Machado nos traz referências tanto do Brasil Colônia como do Império. Gledson argumenta que o tema do conto é tão político quanto filosófico e mostra como o poder é exercido no Brasil Império com origens no Brasil Colônia<sup>16</sup>, interpretando a Revolta dos Canjicas como uma alusão à Revolução Francesa. Outra preocupação do autor é mostrar que não devemos subestimar as possibilidades de interpretações no conto, pois se tratando de Machado de Assis tudo é possível.

A análise de *O Alienista* através de uma narrativa que discute poder e política, destacando a tensão entre o padre e o cientista como o fio central do conto é defendida

---

<sup>14</sup> Ideia defendida por vários autores como John Gledson e Ivan Teixeira, e exposta no artigo “*Machado de Assis e (sua) Revolução Francesa*”, escrito por André Dutra Boucinhas (2009). Mestre em história pela Universidade Federal Fluminense, ele defende as inúmeras pistas que liga o conto a Revolução Francesa.

<sup>15</sup> PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997.

<sup>16</sup> GLEDSON, John. *Por um Novo Machado de Assis: Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 87.

por Ivan Teixeira, que também reforça as múltiplas interpretações do conto. No entanto, o autor defende a ideia de poder como tese principal. Teixeira concorda que o conto não foi publicado por acaso em *A Estação*, sendo a análise do jornal importante para entender o conto, mas é importante também uma análise mais ampla do mesmo, que ficou presa por muito tempo na linha que trata o conto como um correlato político da loucura no século XIX, sendo essa interpretação importante, mas defende que não é o tema principal do conto<sup>17</sup>.

Daniela Silveira, em seu livro *Fábrica de Contos, ciência e literatura em Machado de Assis*, analisa todos os contos científicos publicados por Machado de Assis, e entre os seus objetos de análise está *O Alienista*. A autora, em sua pesquisa, o considera desde a sua publicação inicial n' *A Estação* como a publicação na coletânea *Papéis Avulsos*, o analisando nesses dois espaços. Para Silveira, *O Alienista* foi importante não só como meio de debate com o local em que foi publicado, mas também servia para pensar outras questões como, por exemplo, o papel das mulheres diante da moda científica<sup>18</sup>.

Todas as análises de *O Alienista* são dignas de serem discutidas e consideradas. Por ser um conto que nos permite várias análises, *O Alienista* também nos traz várias dúvidas e questionamentos. Não pretendo analisar um por um, por não ser meu objetivo, e também por não ser possível de fazer em uma monografia. Pretendo interpretar o conto dando centralidade à personagem D. Evarista, seus diálogos com o jornal e com a ciência do século XIX.

Acredito que Machado de Assis, ao publicar em um jornal de moda feminino, também discutiu, entre outras questões, como já afirmou Daniela Silveira gênero e o papel da mulher na sociedade. Ele, como redator e leitor desse jornal e de outros como o *Jornal das Famílias*, dedicou muito mais atenção ao tema do comportamento feminino e dos padrões a ele impostos do que podemos imaginar. Portanto, não podemos ignorar os papéis femininos nas obras de Machado de Assis e, como historiadores, é importante fazer esse recorte.

*O Alienista* é um conto que participa de debates e discute mudanças históricas e não podemos ignorar as discussões em torno do gênero. Ao construir a personagem D. Evarista, Machado dialoga com o jornal e com ideias do tempo ao qual escreveu. Pois

---

<sup>17</sup> O tema central da novela seria a disputa pelo poder no processo de formação da cidade (Teixeira, 2010, p. 19).

<sup>18</sup> SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Fábrica de Contos: Ciência e literatura em Machado de Assis*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. p. 29.

D. Evarista discute a ideia de comportamento feminino e o papel biológico da mulher. “Mulheres, suas vidas, seus amores e frustrações são um dos temas que continuarão a preocupar Machado por toda a sua carreira”<sup>19</sup>.

A personagem é criada em um jornal de moda feminino que discute comportamento, boas maneiras e que traz em suas páginas publicações médicas. Machado utiliza dessas características para criar uma personagem que não seguia nada daquilo colocado no jornal e, acima de tudo, ela não cumpre seu papel biológico que é o da reprodução, a maternidade. Machado constrói, portanto, uma personagem que traz questionamentos dessas ideias e instituições a suas leitoras. Isso fica visível durante o conto quando a narrativa começa apresentando a personagem conforme as suas características biológicas, e quando ela é colocada na Casa Verde por ser excessivamente luxuosa.

---

<sup>19</sup> GLEDSON, John. *Por um Novo Machado de Assis: Ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. P. 41.

## 2º CAPÍTULO: AS LEITORAS DA ESTAÇÃO

### 2.1 A Estação

Machado de Assis colaborou com o jornal *A Estação*, *Jornal Ilustrado* para as Famílias, de 1879-1898. O jornal existiu de 1879 a 1904, com edições quinzenais publicadas nos dias 15 e 30 de cada mês. Seu objetivo inicial era deixar as mulheres informadas sobre o mundo da moda e suas últimas tendências de Paris e da Europa, sendo o primeiro jornal do gênero no Brasil<sup>20</sup>.

O jornal de modas brasileiro pois, que outrora seria uma impossibilidade, é possível hoje. A estação será o primeiro jornal nesse gênero. Continua a nossa folha, como até agora, no que diz respeito à parte de modas. Claro está que essa parte forçosamente parisiense só poderá colher os seus elementos na capital da moda.<sup>21</sup>

O jornal fazia parte de um empreendimento editorial alemão que possuía filiais em vários países da Europa, EUA e Brasil. O jornal é uma continuação da *Lá Saison*, lançada em 1872, que possuía gravuras em inglês e francês<sup>22</sup>. *A Estação*, que começou a circular em janeiro de 1879, é composta por publicações somente em português. Lobaerts, editor e proprietário, não revelou de início a origem alemã da revista por ser mais rentável apresentá-la como uma revista francesa<sup>23</sup>, o que revela uma preocupação com a opinião do público, que seguiam tendências da moda parisiense.

Em seu primeiro ano, o jornal era composto por oito páginas que continham novidades da moda e ilustrações de roupas, pessoas em situações cotidianas, além de textos que explicavam e davam dicas de cortes, costuras, acessórios e as roupas adequadas para cada ocasião e idade. Durante o seu funcionamento, o jornal passou por mudanças estruturais incluindo, a partir do segundo ano de funcionamento, publicações que falavam sobre saúde, higiene, cultura, comportamento e informações de utilidade pública. Somava-se, assim, ao objetivo inicial do jornal uma intenção nova: falar sobre o papel da mulher na sociedade.

---

<sup>20</sup> “Chronica de Moda”. *A Estação*. n.º. 1, p. 1. 15 de janeiro de 1879.

<sup>21</sup> Idem.

<sup>22</sup> *Lá Saison* era o jornal de moda parisiense mais barato da corte, sendo *A Estação* apresentada como a continuação dessa revista pelo redator, com a intenção de manter o público, apesar das mudanças na estrutura e nome da revista.

<sup>23</sup> SILVA, Ana Claudia Suriane. *Moda é literatura: o caso da revista A Estação*. Estado e Editora, 2009. p. 11.

A estrutura do jornal era fixa nas suas oito primeiras páginas. O jornal sempre começava com “A chronica da Moda”, que continha informações sobre as últimas tendências da moda parisiense, maneira adequada de usar certas roupas, tecidos e chapéus. Era comum, também, encontrar nessa parte do jornal sugestões de comportamentos, tanto individual como familiar, assim como dicas culturais.

É importante notar que sempre nessa primeira página do jornal é colocada uma imagem, centralizada no meio do texto, de mulheres, normalmente jovens, em situações cotidianas ou familiares, demonstrando elegância. A imagem abaixo, retirada da terceira edição d’ *A Estação* publicada em 15 de fevereiro de 1881, segue o modelo das demais edições do jornal, com duas mulheres elegantemente vestidas provavelmente em uma sala.



A Estação. nº3, p.1. 15 de fevereiro de 1881.

O jornal continuava, quase sempre até a página oito, com um enorme catálogo de imagens de roupas, chapéus, sapatos, bolsas, sobrinhas, tapetes, almofadas, rendas, bordados e inumerados outros itens. As imagens tinham ótimo acabamento para o período, além da qualidade na impressão gráfica, que era preto e branco, mas que raramente era publicando alguma figura colorida. Ao decorrer dessas páginas, também eram colocadas figuras de jovens, crianças e senhoras vestidas dentro de um padrão europeu de moda.

Quando terminava essa sessão inicial do jornal, era publicada uma imagem que cobria toda a página posterior, antes de iniciar a segunda parte do jornal, que normalmente ia da página nove até a doze. Nessa segunda parte do jornal, definida como sua parte literária, havia textos e crônicas sobre viagens, publicações médicas e outras informações, como crítica literária e poesia.

Machado de Assis, assim como outros escritores a exemplo de José de Azevedo, com as mudanças que ocorreram no jornal a partir do ano de 1880, passaram a escrever para a parte literária de *A Estação*. O primeiro texto publicado de Machado de Assis no jornal foi em 1880, *Casa Velha*, e seguiu publicando no jornal até 1898. *O Alienista* foi publicado nessa revista em 1881 e além dele, 30 outros contos do autor foram escritos para o jornal, além de traduções, resenhas e alguns poemas<sup>24</sup>.

## 2.2 A Estação e o comportamento de suas leitoras

Como ficou visível acima, *A Estação* era um jornal que não tinha nas suas páginas apenas assuntos relacionados à moda. O jornal também produzia “noções essenciais sobre gesto social, intimidade doméstica, eventos cultural, moralidade, lazer, saúde, higiene, trabalho e religião”<sup>25</sup>. O jornal ditava certos valores e ideias sobre como as mulheres deveriam se comportar, ou seja, ele fazia parte da construção do que era esperado para uma mulher, no século XIX, tanto socialmente como biologicamente.

Outro aspecto a analisar, antes de aprofundar nos comportamentos femininos esperados pelo jornal, é quem eram as leitoras de *A Estação*. Apesar de ser escrito para o público feminino, não era qualquer mulher que assinava o jornal. O seu público leitor eram “mulheres socialmente estáveis”<sup>26</sup> e letradas do Rio de Janeiro no século XIX e, provavelmente, a base das mudanças sociais e comportamentais do período.

<sup>24</sup> TEIXEIRA, Ivan. *O Altar e o Trono: Dinâmica do poder em O Alienista*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. p. 47.

<sup>25</sup> Ibidem, p. 60.

<sup>26</sup> Ibidem, p. 45.

Busco, então, fazer uma análise de quais comportamentos eram esses colocados pela revista, e para isso selecionei o ano de 1881 para analisar algumas passagens do jornal. Para um melhor entendimento do jornal a grafia foi adaptada, pois o texto foi escrito em português de 1881 e contém muitas palavras escritas de maneira diferente da atualidade.

[...] Não nos detemos diante dos que consideram um jornal de moda como promotor de desordem, que só serve para despertar perigosas ideias de luxo e de vaidade, porque essas ideias não provêm da leitura da *Estação*, mas sim da regra moral e do exemplo na família. Há dois gêneros de toaletes: o da simplicidade elegante, e o da extravagância. Uma moça bem educada, não encontrando em casa senão exemplos de bom gosto e de simplicidade, nunca procurará conformar-se com o segundo estes gêneros.<sup>27</sup>

A primeira edição de 1881 do jornal, como mostra a citação acima, apresenta uma preocupação com aqueles que denunciam o jornal como um incentivador das ideias de luxo e vaidade. O jornal, então, se defende falando que as ideias de luxo e vaidade vêm do exemplo familiar e da moral das pessoas, assim como a ideia de bom gosto e simplicidade. Fica evidente, então, uma preocupação do jornal com a vaidade exagerada de suas leitoras, o que deduz que o periódico recebia críticas sobre as suas publicações de moda, o que justifica a preocupação do jornal em reforçar a ideia de simplicidade nas páginas posteriores do jornal.

[...] Na boa sociedade, nunca se admitem certas novidades, e segue-se a moda quando já é uso e, ainda assim, mitigada pela simplicidade, que sempre faz parte integrante da elegância. Há, felizmente, grande número de senhoras inteligentes e sensatas que consideram a situação do marido, e não obedecem cegamente aos caprichos da moda, que usam as mesmas toaletes não só durante uma estação inteira, mas, ainda depois, acham meio de transformá-las de um modo encantador, para aproveitar a fazenda, sem por isso ficarem muito aquém das fantasias do dia.<sup>28</sup>

A passagem acima continua com a ideia de que as mulheres deveriam ser elegantes, mas simples. Essa passagem, da edição número 20, também traz uma preocupação com a sensatez das mulheres em relação à situação financeira de seus maridos. *A Estação* vai defender várias vezes essa ideia, de que as mulheres devem ser simples e não seguir cegamente os caprichos da moda para serem elegantes. No jornal,

---

<sup>27</sup> “As nossas leitoras”. *A Estação*. Rio de Janeiro, n.º 1, p. 1. 15 de janeiro de 1881.

<sup>28</sup> “Chronicas de Moda”. *A Estação*. Rio de Janeiro, n.º 20<sup>a</sup>, p. 1. 31 de outubro de 1881.



há várias passagens que limitam a quantidade de roupas que uma mulher precisava ter, como, por exemplo, o número de vestidos que deveriam ser no máximo quatro.

Até o fim do primeiro terço do século atual as senhoras não faziam da toilette uma ocupação absorvente, sabiam conversar, formavam círculos, salões, reuniões, e os homens estavam sempre ao pé delas. Hoje, a sua conversa limita-se, em geral, ao importante negócio dos folhos e babados, das fitas e dos chapéus, queixas contra os criados, trivialidade sobre a vida alheia, e os homens afastam-se delas, formam grupos separados, até nos próprios salões e não encontrando os encantos da conversação vão buscar prazer nos teatros ou em outra parte. [...] <sup>29</sup>

Além de propor uma leitora sensata em relação à moda, uma segunda preocupação do jornal era com as conversas femininas. *A Estação* fala que as mulheres de antigamente sabiam conversar, e isso fazia com que as pessoas se reunissem falando sobre coisas importantes. O jornal faz um contraponto à atualidade, falando que as mulheres limitam suas conversas à moda, corte e reclamações sobre os criados, afastando os homens, fazendo com que eles procurem outros espaços, e sugere uma mulher que não falasse muito sobre moda.

[...] Quem conversa bem exerce em redor de si uma influência segura, uma sedução secreta, um magnetismo irresistível. Importa, então, falar bem. As senhoras principalmente devem esforçar-se para falar, não só correta, mas elegantemente. Isto é e será sempre em moda. [...] A conversa é tanto mais agradável quanto nela não entra a vaidade ou amor próprio. <sup>30</sup>

Todos os médicos reconhecem que o prazer da conversa facilita a boa digestão. Para saborear este encanto do espírito em toda a sua extensão, é preciso ser, na mesa, convenientemente colocada. Por isso o dono da casa deve calcular o número dos seus convidados pelo número de lugares em volta da sua mesa. <sup>31</sup>

A conversa se torna, então, uma pauta importante no jornal, é frisada a ideia das mulheres falarem bem, pois isso transmite segurança e sedução. Além de falar bem, entra a questão da elegância que, como vimos na citação acima, a revista tenta passar às leitoras que era moda falar bem. Além de argumentar a importância da boa conversa, o jornal também vai falar como devia acontecer essas conversas, sendo primordial evitar na conversa a vaidade e o amor próprio para ela se tornar mais agradável.

<sup>29</sup> “Conversemos”. *A Estação*. Rio de Janeiro, nº 02, p. 1, 31 de janeiro de 1881.

<sup>30</sup> *Ibidem*.

<sup>31</sup> AUB, Antonine. “Chonica de Moda”. *A Estação*. Rio de Janeiro, nº 17, p. 1, 15 de setembro de 1881.

Continuando a análise das publicações que frisavam a boa conversa, o editor utiliza-se do argumento de autoridade médica para argumentar que a boa conversa facilitava a digestão. Essa passagem ocorre dentro de uma publicação, na “Chronica de Moda”, que ensina às mulheres como deve ser preparado um jantar, especificando até os locais em que os convidados deveriam sentar, conforme a profissão e gostos.

Depois de trinta anos, as senhoras devem evitar essas formas de linguagem usadas para divertir crianças.  
Os homens, depois de quarenta, nunca devem falar em sentimentos próprios de amor, e menos ainda dos seus sucessos. Nenhuma arte pode fazer perdoar este anacronismo.<sup>32</sup>

O jornal também fala sobre o comportamento masculino que advém da fala e a idade. Conforme a passagem acima, cada idade delimita um comportamento e fora dela, vira anacronismo. Os homens, após os quarenta anos não devem falar sobre sentimentos, como o amor e de seu sucesso. Essa opinião de que os homens não podem falar sobre sentimentos, enquanto a única restrição para as mulheres é sobre a fala infantilizada, reforça a concepção de que os homens são mais racionais, enquanto as mulheres são mais sentimentais, tese essa que vai ficar bem visível em *O Alienista*.

O jornal, em suas páginas, apresenta um conjunto de comportamentos esperados para as mulheres. As mulheres deveriam ser elegantes, mas não luxuosas. Elas deveriam se preocupar com uma boa conversa, por isso deveriam saber falar sobre diversos assuntos e não somente moda. Nos jantares e reuniões, as mulheres deveriam evitar falar sobre alguns assuntos e sobre o seu amor próprio, não sendo o centro das atenções.

Ler *A Estação* e fazer essa análise sobre o que o jornal colocava como exemplar ao comportamento feminino ajuda a compreender D. Evarista, enquanto mulher em um conto sobre ciência e loucura. A personagem não segue nenhum dos parâmetros de comportamento feminino utilizados pelo jornal, pois ela é uma personagem extremamente vaidosa e luxuosa, inclusive é internada na Casa Verde por isso. Além de ser o centro das atenções nas festas públicas e jantares, e demonstrar prazer em ser bajulada, o que não era recomendável pelo jornal.

---

<sup>32</sup> “Conversemos”. *A Estação*. Rio de Janeiro, nº 02, p. 1, 31 de janeiro de 1881.

### 2.3 A Estação: educação e ciência para as mulheres

Era comum encontrar no jornal publicações com embasamento científico, assinado por médicos que também falavam sobre comportamentos, dando ensinamentos do cuidados com a casa, família e principalmente com o corpo. Existiam manuais higienistas no jornal que, através do discurso de autoridade médica, ditavam como as mulheres deveriam criar seus filhos e como deveriam viver conforme as fases de sua vida.

A higiene, dizem os tratados, é a arte de conservar a saúde. É incompleta a definição. A higiene não tem por fim único a conservação desse equilíbrio funcional que constitui nos entes organizados o que chamamos a saúde; mas também só propor desenvolver, fortificar e proteger cada um desses entes em todas as circunstâncias da vida através de todas as vicissitudes de tempo e lugar.

A higiene é pois a arte de viver.

Investigar as condições acessórias e as regras mais racionais para que todo ente dotado de vida goze pelo maior espaço de tempo e do modo mais vantajoso possível da plenitude das suas forças e de integridade das suas funções, tal é o fim do higienista e o objeto da higiene.

Eis o plano adoptado pelo autor dessas linhas para as breves noções, que pretende oferecer as leitoras da Estação.

Encararemos o homem ou o corpo humano desde o momento em que nasce e acompanharemos na vida, seguindo as idades e peripécias da existência, até depois da morte.

Assim, descrevemos a higiene: 1º, da primeira infância (desde o nascimento até a idade de 2 anos), 2º, da segunda infância (2 a 7 anos); 3º, da adolescência (7 a 12 anos); 4º, da mocidade (12 a 18 anos); 5º, da virilidade (18 a 36 anos); 6º, da idade madura (36 a 50 anos); 7º, da idade crítica (50 a 65 anos); 8º, da velhice; 9º, da morte.

Esta divisão nova dos diferentes períodos da vida humana parecerá menos singular desde que se atendam as profundas modificações que a marcha da civilização e os progressos da higiene imprimiram ao organismo, nas funções e na longevidade dos povos. (Dr. Ricardo C.).<sup>33</sup>

Na citação acima, publicada no jornal *A Estação* em 15 de novembro de 1881, o Dr. Ricardo conceitua a higiene como a arte de proteger cada um, e não somente como aquela que protege a saúde. Ele separa os cuidados com o corpo, os comportamentos e vida das pessoas em nove períodos: a primeira infância, segunda infância, adolescência, mocidade, virilidade, idade madura, idade crítica, velhice e morte. Depois dessa separação e de explicar o seu motivo, o autor vai dar sequência às publicações sobre higiene no jornal, explicando como as mulheres deveriam agir em todas essas fases, começando pela primeira infância e os cuidados com os seus filhos.

<sup>33</sup> Dr. Ricardo C. "Hygiene". *A Estação*. Rio de Janeiro, n° 21, p.9, 15 de novembro de 1881.

É feito um verdadeiro manual que incluía desde os cuidados domésticos da mulher com a casa, alimentos e a limpeza, aos cuidados com os filhos e marido. Esse manual vai ensinar as mulheres como cuidar dos seus filhos desde a primeira infância à vida adulta, incluindo banho, alimentação, educação, cuidados com a saúde e crescimento saudável dos seus filhos. Fica claro nessa divisão a ideia da mulher como mãe e esposa, sendo responsável pela organização do lar e da vida familiar, e o manual foi feito para que ela exercesse essa função da melhor maneira possível, pautada em preceitos higienistas.

Acrescentai a isso que a cidade foi construída de um modo deplorável; que em certos lugares há absoluta falta de esgotos; que um dos meios de se verem livres de uma latrina consiste simplesmente em enchê-la e abandoná-la! Que admir, pois que seja aí que a epidemia exerça principalmente a sua devastação e apareça todas as vezes que as condições aí matérias se prestam? Semelhante estado de coisas, em nossas cidades europeias, geraria imediatamente, não o vômito-negro, mas certamente uma moléstia do mesmo gênero, tipo ou qualquer outra. (Dr. Ch. Corbisier, Viagens).<sup>34</sup>

Nessa segunda publicação sobre higiene, a ideia é transmitir às leitoras a necessidade de mudanças na organização social e do Rio de Janeiro. Escrito por um viajante e médico que estava no Brasil, ele vai falar sobre a falta de esgoto na cidade e as construções de modo deplorável, que facilitam o aparecimento de epidemias. A publicação deixa as leitoras do jornal por dentro dos debates em torno da situação do Rio de Janeiro, e das propostas que previam uma organização social com base em preceitos higienistas.

Martins, em seu livro *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX* argumenta, através de uma vasta análise bibliográfica, que os médicos brasileiros do século XIX tiveram um grande papel na formulação de projetos que tinham por finalidade intervir na organização social. Portanto, o caráter da medicina também era político e não somente científico, sendo forte a relação entre medicina e Estado.

As mudanças fundadas nas ideias de reorganização social que partiam da medicina através dos projetos higienistas também abrangiam o campo educacional feminino. *A Estação* ajudava a propagar ideias acerca da importância da educação

---

<sup>34</sup> Dr. Ch. Corbisier. “Viagens: O Brasil”. *A Estação*. Rio de Janeiro, nº 19, p. 11-12. 15 de outubro de 1881.

feminina, que era vista como importante por causa da organização familiar, pois acreditava que uma mulher bem instruída seria uma boa mãe e uma boa esposa<sup>35</sup>.

[...] A companheira do homem precisa entender o homem. A Graça da sociedade deve contribuir para ela mais do que com o influxo de suas qualidades tradicionais. Enfim, é preciso que a mulher se descative de uma dependência, que lhe é mortal, que não lhe deixa muita vez outra alternativa entre a miséria e a devassidão.

Vindo a nossa sociedade brasileira, urge dar a mulher certa orientação que lhe falta. Duas são as nossas classes feminis, - uma crosta elegante, fina, superficial, dada ao gosto das sociedades artificiais e cultas; depois a grande massa ignorante, inerte e virtuosa, mas sem impulsos, e em caso de desamparo, sem iniciativa nem experiência. Esta tem jus a que lhe deem os meios necessários para a luta social: e tal é a obra que ora empreende uma instituição antiga nesta cidade, que não nomeio porque está na boca de todos, e aliás vai indicada na outra parte desta publicação.

A ocasião é excelente para uns apanhados de estilo, uma exposição grave e longa do papel da mulher no futuro, para uma dissertação acerca do valor da mulher, como filha, esposa, mãe, irmã, enfermeira e mestra, tudo lardeado dos nomes de Ruth e Cornelia, Recamier e a marquesa de Alorna. Não faltaria dizer que a mulher é a estrela que leva o homem pela vida adiante, e que principalmente as leitoras da Estação merecem o culto de todos os espíritos elegantes. Mas estas coisas subtendem-se, e não se dizem por ociosas. Baste-nos isto: educar a mulher é educar o próprio homem, a mãe completará o filho. (Machado de Assis)<sup>36</sup>

A passagem acima retirada do jornal *A Estação* foi escrita por Machado de Assis, em 15 de agosto de 1881. Ele escreve para uma campanha d' *A Estação* para a escola O Liceu de Artes e Ofícios, aulas para o sexo feminino, que procurava arrecadar doações. Nesse anúncio fica perceptível o quanto Machado estava por dentro das discussões em torno do comportamento feminino, os valores e os ideais da época, incentivando a educação feminina.

Continuando a análise dessa campanha que Machado participou, ele fala em dois tipos de mulheres. Uma que era fina, rica e elegante e outra que fazia parte da grande massa desinformada e sem iniciativa, sendo as aulas para esse segundo tipo de mulher, pois lhe dariam armas para uma luta social contra a miséria e devassidão e, principalmente, contra a ignorância.

<sup>35</sup> MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX* [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004. p. 226.

<sup>36</sup> ASSIS, Machado. "Lyceu de Artes e Officios: Aulas Para o Sexo Feminino". *A Estação*. Rio de Janeiro, nº 15, p. 8, 15 de agosto de 1881.

Machado encerra sua análise com a seguinte frase: “educar a mulher é educar o próprio homem, a mãe completará o filho”<sup>37</sup>, mostrando uma visão utilitária na educação feminina, que era dar suporte para o sucesso e educação masculina. Porém, segundo Ivan Teixeira, “a ficção Machadiana com frequência ironiza esse tipo de frase, que não parece distante dos modelos retóricos denunciado em *O Alienista*”<sup>38</sup>. Portanto, ao fazer esse tipo de colocação, não deixa de lado a sua consciência crítica, e sim traz mais reflexão sobre o papel feminino e a sua dependência.

Até aqui, fica perceptível o quanto o jornal estava inserido nas discussões em torno da educação feminina e das propostas de organização social que começariam pela família. A educação feminina, segundo as páginas do jornal, deveria ser baseada em preceitos médicos e higienistas e tinha uma função social que era a de servir ao homem. O jornal reforça em suas páginas a função biológica feminina que era a de ser mãe e através de manuais e publicações higienistas as ensinam a exercer essa função da melhor forma possível.

Machado se envolve com esse projeto editorial do jornal e com as ideias que nele são inseridas, e isso fica visível n’ *O Alienista*, que é escrito dois meses depois de uma publicação de Machado sobre educação feminina, que acima foi colocado. Ele constrói um conto, cujo personagem principal era um médico, Dr. Bacamarte e sua esposa foi escolhida conforme os seus atributos biológicos para a maternidade.

A personagem feminina criada por Machado em *O Alienista*, D. Evarista, foge aos padrões de uma boa mulher colocados pelo jornal, portanto, é importante fazer essa leitura de *O Alienista* junto ao jornal, pois Machado dialoga com os preceitos nele colocado. Acredito que através dessa personagem ele continua as discussões sobre gênero e o papel da mulher na sociedade no jornal, mas de forma sutil, questionado a suas leitoras sobre maternidade, comportamento e tudo isso através de uma sátira com a loucura.

---

<sup>37</sup> ASSIS, Machado. “Lyceu de Artes e Offícios: Aulas Para o Sexo Feminino”. *A Estação*. Rio de Janeiro, n° 15, p. 8, 15 de agosto de 1881.

<sup>38</sup> TEIXEIRA, Ivan. *O Altar e o Trono: Dinâmica do poder em O Alienista*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. p. 94.

### 3º CAPÍTULO: Dona Evarista

#### 3 D. Evarista e A Estação

Já disse nos capítulos anteriores que D. Evarista é uma personagem que precisa ser entendida a partir dos diálogos propostos por Machado com *A Estação*. Nesse capítulo, eu pretendo demonstrar quais eram esses diálogos e como Machado constrói uma personagem que é o inverso daquilo que o jornal deseja para o sexo feminino, tanto biologicamente como socialmente.

O conto começa introduzindo a vinda de Dr. Bacamarte para o Brasil. Aqui ele se casa com uma mulher nem bonita nem simpática, e por essa escolha o médico é questionado. Dr. Bacamarte justifica a sua escolha ao fato de D. Evarista possuir atributos fisiológicos e anatômicos perfeitos para a maternidade, e isso era a sua única preocupação. Nessa passagem, Machado dialoga com as construções em torno da maternidade feminina, que era a principal preocupação médica em relação à mulher, construindo uma personagem que não consegue ter filhos.

D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos. A índole natural da ciência é a longanimidade; o nosso médico esperou três anos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo desse tempo fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consultas às universidades italianas e alemãs, e acabou por aconselhar à mulher um régimen alimentício especial. A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações do esposo; e à sua resistência, — explicável, mas inqualificável, — devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes.<sup>39</sup>

O autor mostra que foi feito de tudo ao alcance da ciência para que D. Evarista tivesse filhos. A última tentativa do médico era uma dieta com banha de porco, a qual ela criou resistência e por causa disso o Dr. Bacamarte não teve herdeiros. A construção de uma personagem que não consegue ter filhos contraria as expectativas da ciência quanto ao corpo feminino e a sua função, que apesar de todos os esforços,

---

<sup>39</sup> ASSIS, Machado. “O Alienista”. *A Estação*. Rio de Janeiro, nº 19, p. 9. 15 de outubro de 1881.

recomendações e teorias avançadas não vão atingir todas as mulheres e D. Evarista foi criada por Machado para demonstrar isso.

Na primeira publicação do conto, no jornal, o narrador fala que os restos mortais do médico foram roubados, ou seja, não sobraram nem isso para contar a história. Fica visível que o autor queria passar aos seus leitores a ideia de apagar da história esses acontecimentos. Dona Evarista teve papel importante nesse processo, pois ela teve resistência no tratamento para engravidar e não deu herdeiros ao Dr. Bacamarte, morrendo sozinho no local que ele fundou “A Casa Verde”.

A maternidade foi o primeiro problema da personagem em relação aos ideais da revista, o próximo problema vem da própria relação da personagem com o seu marido. A personagem é criada por Machado para que de forma sutil aparentasse ser submissa ao seu marido, mas nas suas atitudes demonstra o contrário. Ela tinha o papel de questionar o médico sobre as suas atitudes, consideradas absurdas pela cidade, tentando manipulá-lo muitas vezes.

Com a impossibilidade de gravidez de D. Evarista, o médico Dr. Bacamarte mergulha nos estudos como forma de curar as mágoas pelo fato de não ser pai, e é aí que conhece o recanto psíquico e propõe a construção da Casa Verde. A Casa Verde é objeto de desconfiança e revolta desde a sua ideia inicial de construção ao decorrer das internações sem sentido no local, sendo D. Evarista a esperança da cidade em muitos momentos contra a Casa Verde.

D. Evarista é colocada como o meio termo para se chegar até o médico e mudar suas atitudes. O seu primeiro questionamento começa com a construção da Casa Verde, quando toda a cidade achou absurda a ideia, mas foi D. Evarista, por intermédio do padre Lopes, que tentou fazer o médico mudar de ideia. Ela não questiona de forma direta o médico, ela propõe a ele uma viagem para o Rio de Janeiro, para que ele mude de ideia, mas não obtém sucesso.

Ilustre dama, no fim de dois meses, achou-se a mais desgraçada das mulheres: caiu em profunda melancolia, ficou amarela, magra, comia pouco e suspirava a cada canto. Não ousava fazer-lhe nenhuma queixa ou reproche, porque respeitava nele o seu marido e senhor, mas padecia calada, e definhava a olhos vistos. Um dia, ao jantar, como lhe perguntasse o marido o que é que tinha, respondeu tristemente que nada; depois atreveu-se um pouco, e foi ao ponto de dizer que se considerava tão viúva como dantes. [...] Não dizem as crônicas se D. Evarista brandiu aquela arma com o perverso intuito de degolar de uma vez a ciência, ou, pelo menos, decepar lhe as mãos; mas a conjectura é verossímil. Em todo caso, o alienista não lhe atribuiu



intenção. E não se irritou o grande homem, não ficou sequer consternado [...].<sup>40</sup>

Machado nessa passagem ressalta a personagem como submissa ao seu esposo, mas diante de tanto tempo ignorada devido aos seus estudos sobre a ciência, a personagem se atreve a dizer que sentia-se tão viúva como antes de seu casamento. Aqui o narrador questiona se a atitude dela tinha a intenção de degolar a ciência, ou seja, acabar de vez com os estudos do marido, ele traz essa ideia às leitoras, de que não se sabe a intenção real de D. Evarista porque não tem crônicas para falar. Daniela Silveira trabalha com a ideia de que esse dialogo foi uma estratégia de D. Evarista para conseguir o que queria, uma viagem para o Rio de Janeiro<sup>41</sup>.

Nessa passagem também entra a questão da ciência em contraponto à mulher, quando essa não é mais seu alvo ela passa a ser esquecida é ignorada. A relação entre o médico e sua esposa era apenas científica, e quando D. Evarista não lhe serve mais como objeto de estudo por não ser mãe, ela também perde a sua função como esposa, sendo ignorada pelo médico que agora se aprofunda em outros estudos, que é a loucura.

A personagem, porém, não aceita ser ignorada e não esconde seus sentimentos de tristeza em relação a isso, e fala o que sente ao médico de uma maneira que não era considerada sensata pelo jornal. É aí que ela realiza um dos seus sonhos, que era conhecer o Rio de Janeiro, viagem proposta pelo médico como maneira de fazer com que ela se alegrasse.

Com a viagem de D. Evarista para o Rio de Janeiro, Dr. Bacamarte se aprofunda nos estudos e amplia a sua análise sobre a loucura. Com isso, começa a fazer internações questionáveis, causando medo na cidade. Ao retornar do Rio de Janeiro, D. Evarista é considerada a esperança de Itaguaí contra as internações do médico, e por isso foi muito aclamada na sua chegada, com flores e muito cortejo.

Três horas depois cerca de cinquenta convivas sentavam-se em volta da mesa de Simão Bacamarte; era o jantar das boas-vindas. D. Evarista foi o assunto obrigado dos brindes, discursos, versos de toda a casta, metáforas, amplificações, apólogos. Ela era a esposa do novo Hipócrates, a musa da ciência, anjo, divina, aurora, caridade, vida,

<sup>40</sup> ASSIS, Machado. “O Alienista”. *A Estação*. Rio de Janeiro, nº 20, p. 8. 31 de outubro de 1881.

<sup>41</sup> A solução encontrada pelo médico fora mandar a esposa para o Rio de Janeiro. Livrava-se das cobranças dela e podia dedicar-se com mais afinco à sua profissão. Nesse momento, o narrador mostra as estratégias de dona Evarista para conseguir o que queria, deixando que o “sábio” alienista acreditasse que a concessão fora dele. (Silveira. 2010. P. 125)

consolação; trazia nos olhos duas estrelas segundo a versão modesta de Crispim Soares e dois sóis no conceito de um vereador.<sup>42</sup>

A volta de D. Evarista teve direito a um jantar de boas vindas com cinquenta convidados, onde D. Evarista se torna o centro das atenções sendo homenageada durante toda a noite. Nessa passagem, entra a ideia da personagem como a musa da ciência, por ser esposa de Dr. Bacamarte ou talvez por ser aquela que a cidade deposita esperanças contra a Casa Verde, não fica clara essa ideia no conto. Na continuação dessa passagem o médico diz a ela que tudo isso é retórica; a personagem se sente bem em ser o centro das atenções, mesmo com os alertas de seu marido. Machado inverte os papéis, pois nas festas e reuniões é sempre D. Evarista o centro das atenções e não o seu esposo, como deveria ser conforme a revista.

Nisto chegou do Rio de Janeiro a esposa do alienista, a tia, a mulher do Crispim Soares, e toda a mais comitiva, [...]. O momento em que D. Evarista pôs os olhos na pessoa do marido é considerado pelos cronistas do tempo como um dos mais sublimes da história moral dos homens, e isto pelo contraste das duas naturezas, ambas extremas, ambas egrégias. D. Evarista soltou um grito, — balbuciou uma palavra e atirou-se ao consorte — de um gesto que não se pode melhor definir do que comparando-o a uma mistura de onça e rola. Não assim o ilustre Bacamarte; frio como diagnóstico, sem desengonçar por um instante a rigidez científica, estendeu os braços à dona que caiu neles e desmaiou [...].<sup>43</sup>

O jornal também fala sobre o comportamento dos homens, que após os 40 anos não podem falar de sentimentos próprios e amor. Essa recomendação caracteriza as atitudes de Dr. Bacamarte, que ao contrário de seu amigo Crispim Soares (um jovem farmacêutico), não demonstra nenhum sentimento de saudade quando a sua mulher viaja para o Rio de Janeiro. Com o retorno do Rio, ambos os personagens vão receber as suas esposas de maneira diferente: Dr. Bacamarte recebe D. Evarista com completa frieza e, ao contrário, o Boticário (Crispim Soares) recebe a sua mulher com afeto.

O conto trabalha com a ideia do temperamento ligado ao sexo feminino e masculino. Dona Evarista se demonstra uma mulher sentimental enquanto seu esposo é mais frio e calculista. Quando esse padrão de comportamento não era seguido era considerado como loucura no conto, o que pode ser uma crítica de Machado ao jornal e a essa conversão. Durante o conto, uma das pacientes de Dr. Bacamarte, a esposa de Crispim Soares, o Boticário, é internada na Casa Verde e só é solta quando ela

<sup>42</sup> ASSIS, Machado. “O Alienista”. *A Estação*. Rio de Janeiro, nº 22, p. 8. 30 de novembro de 1881.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 14.

demonstra extrema chateação com o seu marido que não a visita. Quando isso acontece Dr. Bacamarte fala que ela está em perfeito juízo, ou seja, está se comportando como uma mulher deveria se comportar.

Os dois últimos parágrafos eu falei sobre o comportamento de três personagens que se assemelham àquilo que a revista quer passar aos seus leitores. Agora eu darei continuidade a análise da personagem D. Evarista, e os diálogos dela com a revista em relação à moda, luxo, vaidade e elegância.

— Já há algum tempo que eu desconfiava, disse gravemente o marido. A modéstia com que ela vivera em ambos os matrimônios não podia conciliar-se com o furor das sedas, veludos, rendas e pedras preciosas que manifestou logo que voltou do Rio de Janeiro. Desde então comecei a observá-la. Suas conversas eram todas sobre esses objetos; se eu lhe falava das antigas cortes, inquiria logo da forma dos vestidos das damas; se uma senhora a visitava na minha ausência, antes de me dizer o objeto da visita, descrevia-me o traje, aprovando umas coisas e censurando outras. Um dia, creio que Vossa Reverendíssima há de lembrar-se, propôs-se a fazer anualmente um vestido para a imagem de Nossa Senhora da matriz. Tudo isto eram sintomas graves; esta noite, porém, declarou-se a total demência. [...] Ceamos, e deitamo-nos. Alta noite, seria hora e meia, acordo e não a vejo; levanto-me, vou ao quarto de vestir, acho-a diante dos dois colares, ensaiando-os ao espelho, ora um ora outro. Era evidente a demência: recolhi-a logo.<sup>44</sup>

Nessa passagem, Dr. Bacamarte descreve D. Evarista como uma mulher sem modéstia, que vivia demasiadamente preocupada com roupas e acessórios preciosos, principalmente depois que voltou do Rio de Janeiro. Ele também comenta sobre as conversas da personagem que também só eram baseadas na moda, e que todo esse luxo e preocupação exagerada com esses assuntos eram sintomas de demência, internando D. Evarista na Casa Verde.

A *Estação* ressaltava em suas páginas a importância da mulher ter uma boa conversa, criticando aquelas que só falavam sobre moda. O jornal também critica o consumismo exagerado das mulheres, e tenta passar para as leitoras a ideia de elegância e sensatez, sendo o ideal as mulheres terem quatro vestidos por ano. Dona Evarista não segue essas recomendações da revista, tanto em relação à conversa quanto ao consumo. Machado sempre descreve as vestes da personagem como luxuosas, nas festas e confraternizações públicas. Em relação ao consumo, a personagem volta do Rio de Janeiro com 37 pares de vestidos de seda enquanto a revista recomendava quatro, indo contra as ideias da revista.

<sup>44</sup> ASSIS, Machado. “O Alienista”. *A Estação*. Rio de Janeiro, nº 01, p. 9. 15 de janeiro de 1881.

Dona Evarista era o oposto do que o jornal pregava para o comportamento feminino e foi declarada louca, isso não significa que Machado concorde com as recomendações impostas pela revista. Machado constrói todo um enredo onde Dr. Bacamarte faz internações duvidosas e sem sentido, acredito que ao internar D. Evarista, pelo seu excesso de luxo e conversa demasiadamente ligada a moda, Machado traz o questionamento a suas leitoras sobre até que ponto esse comportamento pode ser condenado. É questionado varias vezes no conto a autoridade medica de Dr. Bacamarte, que no final acredita ser o único louco naquela cidade, e D. Evarista é sempre a pessoa que traz esperança contra as suas duvidosas internações.

Dona Evarista é uma personagem com os mesmos problemas e questões das leitoras d' *A Estação*. É uma personagem que não é sensata em relação ao luxo e vivia sempre preocupada com a moda, características que o jornal buscava retirar da vida de suas leitoras e que vão fazer D. Evarista ser recolhida na Casa Verde. Portanto, a personagem estava em diálogo com as instituições que pretendiam moldar a conduta feminina. Aproximava as leitoras do conto com os assuntos que o jornal *A Estação* as envolvia, como a maternidade e a moda<sup>45</sup>, de uma maneira irônica e cheia de contradições.

### 3.2 O Alienista e a medicina do século XIX

É importante, também, compreender melhor o período de escrita de Machado, cuja medicina estava em ascensão e presente na construção de um ideal de nação brasileira. O século XIX foi muito importante para os avanços na medicina, foi o século em que houve o reconhecimento do médico enquanto autoridade. A medicina é almejada não só para curar doenças individuais, mas também com o intuito de dominar a situação da higiene e saúde pública. Medidas tomadas por autoridades públicas e médicos mostraram efeitos, como o conhecimento de doenças e epidemias mais comuns.<sup>46</sup>

Já em relação ao argumento que utiliza da figura médica como um dos pilares da construção da nação brasileira, a medicina não se restringia ao controle epidemiológico, mas entrava também no campo comportamental, sendo as mulheres um dos principais alvos de pesquisa e análise. Machado trabalha a figura da autoridade médica no conto e

---

<sup>45</sup> SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Fábrica de Contos: Ciência e literatura em Machado de Assis*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. p. 77.

<sup>46</sup> CRESPO, Jorge. *A História do Corpo*. Lisboa: DIFEL, 1990.

sua importância na cidade de Itaguaí, onde o médico se torna a pessoa mais influente da cidade, mesmo com suas condutas questionáveis, retratando bem a figura do médico inserida nas políticas governamentais e organização social.

Através dessas transformações da imagem da figura médica com novas funções e privilégios adquiridos, as mulheres passaram a ser vistas com um novo olhar, o olhar sobre o seu corpo. A maternidade era o principal foco e a ênfase era na medicina obstetrícia<sup>47</sup>. Toda essa evolução médica voltada para as mulheres buscava, inicialmente, uma diminuição da mortalidade infantil, por isso a importância de disseminar práticas higienistas, como visto no jornal, que são verdadeiros manuais de como criar filhos saudáveis e evitar doenças.

Segundo Nunes, em seu livro *A Medicina Social e a Questão Feminina*, é através desse paralelo entre a medicina higienista, a diminuição da mortalidade infantil que surge um processo de intervenção médica que tenta regular toda a vida das mulheres. A mulher passa a ser valorizada como esposa e mãe, ganhando papel fundamental na organização familiar, que era desempenhar da melhor maneira possível essa função.

Segundo os médicos, tudo na organização biológica da mulher está voltado para a procriação, e é a partir desse fato que a natureza a toma inferior ao homem. Para se tomar o depositário de um feto, a mulher é alguém cujos demais órgãos não merecem grande atenção da natureza, que aperfeiçoa apenas o seu aparelho reprodutor. Em sua constituição física e moral, tudo o mais é frágil, pouco desenvolvido, sempre relegado a segundo plano.<sup>48</sup>

Essa visão da mulher como biologicamente propensa à maternidade e voltada para a procriação é refutada pela personagem de Machado de Assis, pois primeiramente D. Evarista não consegue alcançar aquilo que cientificamente dava significado a sua existência como mulher, que é a maternidade. O fracasso em relação à maternidade não é só médico como social, pois é no século XIX que surge todo um discurso que qualifica e dá significado ao que mais tarde nós historiadores vamos chamar de “o mito

---

<sup>47</sup> MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX* [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

<sup>48</sup> NUNES, Alexim. *A Medicina Social e a questão feminina*. PHYSIS. Rio de Janeiro. Vol. 1, Número 1, 1991.

do amor materno”<sup>49</sup>, no qual é constituída a ideia da mulher como mãe dedicada e prestativa.

Já em relação ao tema do conto, que é a loucura, Machado de Assis escreve *O Alienista* em um período de ascensão da psiquiatria, o século XIX, logo que começam as primeiras construções de asilos no Brasil. As práticas médicas em relação aos alienados<sup>50</sup> eram objetos de estudos e buscavam aceitação social, pois, assim como no conto, muitas dessas práticas eram consideradas abusivas e desnecessárias. Portanto, Machado trabalha com um tema de grande debate e opiniões, e apesar do enredo do conto girar em torno de um Brasil Colônia, as ideias ali colocadas eram atuais.

Magali Engel, em seu artigo *Psiquiatria e a feminilidade*, analisa uma grande quantidade de documentos e textos médicos envolvendo as internações femininas no final do século XIX. Através desses documentos analisados, Magali Engel chega à conclusão de que a maioria das “doenças” que levaram a internação feminina estavam relacionadas aos seus comportamentos com a sexualidade e a incapacidade de ser mãe.

Existiam análises nas quais as mulheres eram vistas como mais vulneráveis a ter problemas psicológicos<sup>51</sup>, o que não significa que eram mais discriminadas e internadas nos hospícios, mas alguns desses transtornos psicológicos eram relacionados à incapacidade de engravidar. Foi por causa da incapacidade de gravidez de D. Evarista que o Dr. Bacamarte mergulhou nos estudos e descobriu a psiquiatria. Porém, não podemos dizer que Machado de Assis estava por dentro dessas ideias, mas também não podemos descartá-las, pois como um escritor realista Machado participava de vários debates do período.

### 3.3 D. Evarista e os seus debates

D. Evarista não atende a nenhuma expectativa, tanto médica como social. É uma personagem que não é bonita e nem simpática, e muito menos consegue ser mãe, mas mesmo assim é apreciada socialmente, fazendo de forma sutil as suas vontades serem aceitas. Ela ganha grande importância no conto *O Alienista*, primeiramente, por ter sido uma personagem chave para que os acontecimentos se desenvolvam e, segundo, por

---

<sup>49</sup> BRENES, Anayansi Correa. *História da parturição no Brasil, século XIX*. Cad. Saúde Pública [online]. 1991, vol.7, n.2, pp.135-149. ISSN 1678-446.

<sup>50</sup> As pessoas classificadas como loucas no século XIX, eram consideradas alienadas, ou seja, o objeto de estudo do *Alienista* (psiquiatra).

<sup>51</sup> PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997.

dialogar com as ideias que eram levadas as mulheres enquanto leitoras d' *A Estação* e enquanto objeto de estudo da medicina.

Ivan Teixeira argumenta que a personagem servia como um espelho daquilo que as mulheres não deveriam ser, conforme *A Estação* e outros jornais. Segundo o autor, os jornais faziam parte das transformações do período, o Segundo Reinado, tanto no campo social como editorial. *O Alienista* é um conto que vai contra a rigidez das transformações<sup>52</sup>, que intervém na vida privada das pessoas.

Assim, integrada à dinâmica do período, a novela oferecia à nascente elite feminina um modo supostamente desconfiado de interpretar certas questões culturais relevantes para o momento, entre as quais se contam: pretensões da Igreja no Estado moderno, intervenção da medicina na vida da cidade, noção de unidade política no império Bragantino, conceito de loucura e função social do hospício.<sup>53</sup>

*O Alienista* é um conto, como visto na citação acima, que levanta questões e as levam às suas leitoras, que eram uma elite feminina do Rio de Janeiro no século XIX. *O Alienista* participa dos debates médicos em crescimento no período e também com as transformações sociais e políticas. Portanto, é um conto que leva desconfiança e questionamento às leitoras d' *A Estação*.

Das análises das passagens dos contos e de *A Estação*, fica mais evidente D. Evarista nesse lugar de personagem criada para questionar certas instituições, como a imprensa e a medicina. Essa ideia, também defendida por Daniela Silveira, começa com a elaboração da personagem, que foi criada através de uma leitura de *A Estação* e continua com o desenrolar do conto, inclusive seu casamento estava cheio de alfinetadas às instituições que pretendiam moldar o comportamento feminino<sup>54</sup>.

Dona Evarista está dentro de uma tradição de personagens femininas criadas por Machado que busca aproximação com o público. Machado cria personagens com questões semelhantes às do seu público para então dialogar e levar a ele questionamentos. Os principais sucessos de Machado seguem essa linha; *Dom Casmurro*, por exemplo, é um romance em que a personagem principal, Capitu, também dialoga com as instituições do período ao qual foi escrito, mexendo com o imaginário social até a atualidade.

<sup>52</sup> TEIXEIRA, Ivan. *O Altar e o Trono: Dinâmica do poder em O Alienista*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. p. 64.

<sup>53</sup> Ibidem, p. 65.

<sup>54</sup> SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Fábrica de Contos: Ciência e literatura em Machado de Assis*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. p. 78.

Machado de Assis constrói uma personagem, D. Evarista, que corrompe essa ideia de mulher sensata, elegante, bela, submissa e boa mãe. Ele cria uma personagem que é o contrário de todas essas ideias, mas que é querida por ser a esperança de uma cidade contra a autoridade médica e científica de Dr. Bacamarte. É uma personagem que discute gênero e comportamento, e foge do padrão de personagens femininas belas que utilizam desses atributos para manipular e almejar o que deseja.

Dona Evarista é uma personagem que faz parte da elite da cidade fictícia que acontece o conto, que é invejada, mas não é elegante e sensata. Ela não segue as características que são esperadas da sua posição social pelo jornal, mas que consegue tudo o que deseja. Portanto, fica claro uma ironia de Machado com os padrões de comportamentos exigidos pelo jornal ao construir uma personagem o inverso do que a revista prega, se demonstrando contra esses padrões do jornal.

Machado de Assis ao publicar em um jornal de moda feminina também discute, entre outras questões, o papel da mulher na sociedade. Como redator e leitor d' *A Estação* e de outros como o jornal das famílias, ele entende muito mais sobre o comportamento feminino e os padrões a eles impostos do que podemos imaginar. Portanto, não podemos ignorar os papéis femininos nas obras de Machado de Assis, e como historiadores é importante fazer esse recorte, pois é algo que amplia as nossas visões sobre os comportamentos que implicaram em nossa construção social.



## CONCLUSÃO

A análise da personagem D. Evarista, do conto *O Alienista*, nos propiciou a reflexão sobre os comportamentos femininos do século XIX. A personagem dialoga com as principais instituições que moldavam o comportamento feminino: como o jornal e o conteúdo dele sobre medicina. Esses diálogos eram colocados no conto de forma irônica e tinham como finalidade levar questionamentos e desconfianças às suas leitoras.

A *Estação* era um jornal de moda feminina, cuja intenção inicial era publicar em suas páginas as últimas tendências da moda parisiense. No seu primeiro ano de publicação, havia em suas páginas apenas dicas de conte, costura, chapéus, roupas para casa, vestidos e outros acessórios. A partir do segundo ano de publicação do jornal, os objetivos mudaram, foram englobados outros assuntos, como: higiene, literaturas, viagens, poesias, dicas de saúde, publicações de descobertas científicas e comportamentais.

Essas mudanças no jornal demonstravam preocupação com o comportamento feminino e sua educação. As publicações do jornal englobavam as discussões médicas em torno da conduta feminina e a relação das mulheres com a higiene e a maternidade. Existiam, no decorrer das páginas do jornal, manuais higienistas de cuidados com a casa, o corpo, os filhos e até com o casamento.

O jornal também procurava formar uma leitora elegante, que não se preocupasse somente com a moda, mas também com questões do seu cotidiano. Com isso, a revista vai retalhar o consumo exagerado de suas leitoras e o luxo, e vai passar a elas a ideia do consumo sensato, dando dicas de economia. Junto às dicas de sensatez em relação à moda, também entram informações em relação à conversa. O jornal critica as mulheres que falam muito de moda e dá indicações de como conversar de forma elegante.

D. Evarista é o oposto dessa mulher que a revista idealiza. É uma mulher muito consumista, aparece nas festas e jantares vestida demasiadamente luxuosa. Depois de uma viagem que ela fez para o Rio de Janeiro, volta ainda mais preocupada com suas vestimentas e com a moda, o que é usado como justificativa para que ela seja internada na Casa Verde. Machado, com a personagem, não só contraria essas construções em torno das condutas femininas, como também as levam de forma irônica a essas leitoras do jornal.

Dona Evarista é uma personagem que também contraria as construções médicas em relação ao corpo feminino. Escolhida pelo médico conforme seus atributos anatômicos e fisiológicos que proporcionariam filhos sadios, Dona Evarista não consegue engravidar. A sua infertilidade é o primeiro fracasso do médico; a personagem também não segue todas as suas recomendações, como a de uma dieta a base de banha de porco. De certa maneira, Machado passa às leitoras que a escolha sobre a maternidade também é dela, pois a personagem não demonstra preocupação com o fato de não engravidar.

Assim, Machado constrói uma personagem que não é bonita e nem simpática, que não conseguia ser mãe, que era luxuosa e demasiadamente preocupada com a moda. Uma personagem que mesmo com essas características consegue sutilmente que suas vontades sejam ouvidas. É uma personagem que traz esperança contra os abusos da autoridade médica, que passa confiança e sempre é o centro das atenções, em vez de seu marido.

Dona Evarista é uma personagem central no conto, e é uma personagem que não só conversa com a temática do conto como também discute gênero. É uma personagem que dialoga com as transformações em torno dos comportamentos femininos e com as novas construções em andamento, as quais giravam em torno da maternidade e da educação feminina para a formação de uma família.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 1. Fontes

Jornal *A Estação*. Edições diversas. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709816&pesq=> - Acesso em: Jun. 2017.

ASSIS, Machado. *Coletânea Papéis Avulsos*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1882.

ASSIS, Machado. O Alienista. Domínio Público, disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000231.pdf> - Acesso em: jun. 2017.

### 2. Bibliografias

BOUCINHAS, André Dutra. Machado de Assis e a (sua) Revolução Francesa. Revista *Machado de Assis em linha*. ano 2, número 4, dezembro 2009. Disponível em: [http://machadodeassis.net/revista/numero04/rev\\_num04\\_artigo06.asp](http://machadodeassis.net/revista/numero04/rev_num04_artigo06.asp). Acesso em: Junho de 2017.

BRENES, A. C. História da parturição no Brasil - século XIX. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p.135-149, abr./jun. 1991.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: Historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CRESPO, Jorge. *A História do Corpo*. Lisboa: DIFEL, 1990.

GLEDSON, John. *Machado de Assis: Ficção e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GLEDSON, John. *Por um Novo Machado de Assis: Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LOPES, José Leme. *A Psiquiatria de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Agir; Brasília: INL, 1974.

MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX* [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, 287 p. História e Saúde collection. Disponível em: <<http://books.scielo.org>> . Acesso em: junho de 2017.

NUNES, Alexim. *A Medicina Social e a questão feminina*. PHYSIS. Rio de Janeiro. Vol. 1, Número 1, 1991.

PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Ana Claudia Suriane. *Moda é literatura: o caso da revista A Estação*. Estado e Editora, 2009.

SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Fábrica de Contos: Ciência e literatura em Machado de Assis*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

TEIXEIRA, Ivan. Irônica Invenção do Mundo. REVISTA USP, São Paulo, n.77, p. 149-169, março/maio 2008

TEIXEIRA, Ivan. *O Altar e o Trono: Dinâmica do poder em O Alienista*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

### **Declaração de Autenticidade**

Eu Ana Amélia Alves Serpa, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “Uma Simples Água-Morna: A Centralidade de D. Evarista no Conto O Alienista de Machado de Assis” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Brasília, julho de 2017.

---

**Ana Amélia Alves Serpa**